

## UM TEXTO SOBRE A BAÍA DE TODOS OS SANTOS.

*“Somos baianos, devido a BTS. Se ela fosse um Golfo, seríamos **GOLFANOS**” (Augusto Saraiva, Grupo Ecológico GERMEN).*

É um sentimento de pertencimento que deve ser cultivado.

Chegamos a mais uma semana do meio ambiente com notícias bombásticas! Haverá uma mudança radical. Liguem os holofotes, os microfones e as câmeras. Muda tudo na questão ambiental, em nosso estado. O CRA, que mudará para IMA – Instituto de Meio Ambiente, a SEMARH, perde os recursos hídricos e a SRH, vira INGÁ – Instituto para Gestão da Água e Clima. Fica uma pergunta, muda a política para o ambiente no estado da Bahia? É cedo para opinar.

Mas, a Semana é voltada para discutir o que deve ser preocupação a cada segundo. Será aberta com caminhadas, debates, matérias jornalísticas de denúncias e cadernos especiais.

Uma notícia chama a atenção. Saiu no *site* da UFBA: “*O futuro da BTS será discutido na UFBA*”. Nada contra. Aliás, quando estava em construção o Grupo gestor da APA BTS, em Itaparica, foi sugerido que houvesse um seminário sobre o resgate de trabalhos acadêmicos realizados nas **universidades**. Foge-se ao centralismo autoritário unicameral. O objetivo era recolher os fragmentos, fruto da estrutura falida acadêmica, das ações realizadas em todas as dimensões do conhecimento espalhadas em cada unidade universitária – pública ou privada. Pesquisas na área de geologia, história, nutrição, engenharia, arquitetura, letras, educação, artes plásticas, religiosidade, folclore, oceanografia, educação ambiental e biologia. A biologia foi deixada por último de propósito, por sua ação, no mínimo paradoxal.

De um lado, trabalhos históricos para conservação da área. Do outro, as famigeradas **CONSULTORIAS**, que, literalmente, contribuíram para geração dos maiores tensores ambientais, em nossa baía. Trabalhos conduzidos por “pesquisadores”, muitos ocupantes de cargo de Direção, aproveitando-se de informações privilegiadas, que circulam pelos núcleos de poder e das estruturas convenientes. Convênios manipulados pelas **FUNDAÇÕES**, com as tais “interveniências”. Hoje, formam-se verdadeiras equipes de “pesquisadores” para atender, com uso indevido do nome da Academia, grandes empreendimentos. Ex-alunos, bolsistas de outros estados e, até, alunos dos Cursos de Ciências Biológicas, principalmente da UFBA, que são cooptados e assinam laudos de EIA-RIMA. Um verdadeiro abuso. Ato seguinte, viram professores da unidade.

Pois bem, muito dessas “pesquisas” envolveram o ambiente da BTS. Uma das últimas foi na Estação Ecológica da Ilha do Medo, liberando o entorno, cerca de 10ha para criação do *Bijupirá*.

Pela complexidade da ação, é necessária uma avaliação mais profunda, transversal, histórica e interdisciplinar para que possamos discutir, com propriedade, essa proposta. Diga-se de passagem,

cujo investimento é muito maior Eles querem, na realidade, implantar um **PARQUE MARINHO PARA AQUICULTURA** , na BTS.

## **A HISTÓRIA DOS IMPACTOS**

Em resumo, poderíamos classificar os impactos na BTS em escala temporal, espacial e potencial de risco.

São 507 anos de ocupação desordenada, seguindo todos os tipos de impacto antrópicos, fruto de cada época, a exceção da energia nuclear. Aí, já seria demais!

Vejam, de forma bastante reduzida, e sujeita a contestações, a história desses impactos:

- 1. Pau-Brasil** – Escambo com franceses, intermediado por Caramuru, até o início dos anos cinquenta, século XVI. Impacto de médio porte, durante séculos.
- 2. Ciclo da cana-de-açúcar.** Início dos anos 50, século XVI. Impacto de pequeno porte. Até os dias de hoje, em franca expansão, devido à política dos biocombustíveis.
- 3. Caça às baleias** – Início do século XVII até os anos 40, século XX. Impacto de pequeno porte.
- 4. Petróleo.** Anos 30, século XX. Impacto de grande porte, envolvendo o ambiente e as populações da BTS. Diversos municípios. Permanece até os dias atuais.
- 5. Indústria petroquímica.** Anos 60, século XX. Impacto de grande porte, a exemplo do petróleo, atinge populações e os seus ambientes.
- 6. Ocupação desordenada.** Desde o século XVI. Diversas escalas de tempo e espaço. Sendo um fator de migração diferenciado, a depender a região a ser considerada.
- 7. Carnicultura.** Início dos anos 80, século XX. Baixo impacto, em escala da BTS, mas de alto risco para região de Salinas, onde foi instalada.
- 8. Portos.** A ocupação da BTS por portos, dentro de uma perspectiva de navegação de grande porte, tem início, como em todo Brasil, no século XIX. Hoje, podemos considerar que os portos oferecem um alto risco ao ambiente, pelas suas práticas ocupacionistas e expansionistas. São 03, os principais portos da BTS: Comércio, Aratu e DTBASA (Petrobrás).

Esses são os impactos considerados de grande porte e localizados. Não podemos esquecer aqueles outros, em caráter difuso e que surgem como os desdobramentos do que aqui foram colocados. A contaminação por mercúrio, na enseada dos Tainheiros e por cádmio e chumbo, no rio Subaé, são impactos de altíssimo risco, porém difusos, fruto de uma política governamental, implantada a partir de década de 50, século XX.

A pesca com bombas, marinas, resorts, ocupação da ilhas, desmatamentos, barragens e outros, também poderiam, e devem, ser elencados.

## HISTÓRIA DA CONSERVAÇÃO

Temos dois marcos a considerar: 1) As primeiras iniciativas para conservação de áreas e 2) O envolvimento das comunidades e instituições.

No primeiro caso, resgatam-se as primeiras UC da BTS, surgidas no início dos anos 70, século XX, com o tombamento de diversas áreas: 1) Ilha de Maré, 2) Ilha dos Frades e 3) Parte da ilha de Itaparica. Pensava-se, unicamente, na proteção do ambiente terrestre – flora e fauna.

Nos anos 90, por força da ECO – 92, o grupo ecológico GÉRMEN, deu início, a um série de ações denominadas – **Diagnóstico ambiental da baía de Todos os Santos**, com grande visibilidade na imprensa e desencadeou verdadeiros processos para conservação da BTS, com embasamento técnico-científico. Foi o despertar para a nossa baía. O ufanismo foi necessário, importante e fundamental, para que entendêssemos que a BTS era mais do que um acidente geográfico. Era a baía de todos nós.

Os anos noventa, século XX, foram importantes pela expansão das UC's, de iniciativa municipal, estimulada pela onda gerada pelo grupo GÉRMEN para conservação da BTS. Aliás, o nome BTS foi consagrado pelo trabalho do grupo.

O município de Itaparica criou a 1ª Estação Ecológica da BTS – ilha do medo, em 1991. Em 1997 e 1998, Vera Cruz, criaria a APA Recife das Pinaúnas e o Parque Ecológico do Baiacu. Final dos anos 90, e início do século XXI, surge a APA BTS, com o intuito, inclusive, de frear as ações municipais para proteção de seus territórios. A APA BTS, viria emoldurar todas as iniciativas locais, para manutenção do controle político sobre as práticas conservacionistas. A APA BTS, estava enquadrada no modelo de gestão turística para o litoral baiano. APA's foram criadas de norte a sul em nosso estado, a título de zoneamento.

O governo Federal daria a sua parcela de contribuição criando a RESEX de Iguape, no rio Paraguaçu, protegendo os manguezais da região e a suas populações tradicionais.

As iniciativas foram tão significativas, que Vera Cruz detém, proporcionalmente, a maior área natural tombada entre os municípios da BTS.

## OS PESCADORES

Atores principais em todos esses processos e o segmento mais maltratado por cada tensor, acima descrito. Perderam seus territórios de pescarias, suas praias, suas fontes de águas, inclusive minerais, as espécies de pescados que exploravam, suas tradições, seus folguedos, suas espécies de vegetais utilizadas em suas artes de pesca, seus portos de fundeio, a cidadania enfim, perderam as suas identidades.

A história dos pescadores está enraizada nos índios Tupinambá, que habitavam a baía, na intrusão dos negros e dos europeus, cada um contribuindo com fragmentos de suas culturas para a

exploração dos recursos marinhos. Reflexos nas pescarias e na forma de consumo dos frutos do mar – a culinária.

Da jangada, passando pelas canoas, até os saveiros, uma história evolutiva que envolve, desde os recursos do manguezal, o ambiente recifal, praia e restinga, além da borda das matas, até o os recifes submersos.

Os pescadores sempre foram atores importantes na história da BTS. Por exemplo, nas lutas pela independência da Bahia, aqui o estado, em 1823, consolidando o ato do rio Ypiranga, em São Paulo, em 1822, os pescadores constituíram resistências significativas contra as forças portuguesas.

Hoje, estão relegados a segundo plano, expulsos de seu ambiente por veranistas, marinas, portos, indústrias e empreendimentos hoteleiros.

Cada pedaço de terra de uma família de pescadores, que é vendido ou desocupado pela força do capital, apaga-se um pedaço da história da BTS.

Vale ressaltar que existem pescadores e “*pescador*”. Os verdadeiros pescadores – trabalhadores do mar, são aqueles que vivem da maré, conhecem as fases da lua, os ventos, como o peixe “come” e onde “come”. Os verdadeiros pescadores sabem fazer a marca de um pesqueiro e encastoar um anzol. Possuem histórias com o mar, jamais histórias inventadas sobre as suas própria família. Sabe os nomes dos pescados e seus ciclos de vida.

Porém, na atualidade, surgem, por força midiática, aqueles “*pescador*”, sejam João, Pedro, José ou Anastácio, usurpando o nome de uma categoria tão digna, para atender aos pleitos das elites, encasteladas de Clubes de Férias, caríssimos, ostentando veículos possantes com marcas de empresas e dizendo-se porta-voz dos verdadeiros pescadores. Não é! Estão aí, preparados pelos sistemas de mercado para atrair capital para seus próprios bolsos, a qualquer preço, inclusive provocando impactos significativos sobre a biota.

Agora, depois de tanta luta, surge mais uma pressão – **PARQUE MARINHO AQUÍCOLA DA BTS**. Proponente: **Governo do Estado da Bahia**.

Em todo esse processo degradativo, observa-se uma contra-corrente conservacionista, que, aos trancos e barracos, ao longo do tempo, criou ações e promoveu atos dignos para que a BTS fosse reconhecida como um abrigo para todas as formas de vida. Um processo afastado dos mecanismos de proteção desenfreada ao modelo neo-liberal capitalista e dos modelos antropocêntrico, para valorização das culturas, sem intolerâncias, e todos os seres vivos.

Assim, desde a década de 90, século XX, por iniciativa do grupo GÉRMEN, a nossa BTS, recebe atenção nos seguintes temas:

1. **As Colônias, as Associações, os Sindicatos** e outras formas associativas passaram a estimular as bases – trabalhadores do mar, em busca da melhoria da qualidade de vida social e ambiental, enfrentando todas as formas de

pressão. Por outro lado, a diversidade de formas associativistas, garantiu a pluralidade política entre os trabalhadores do mar.

2. **Adequação de alguns processos produtivos.** Algumas indústrias foram obrigadas a ajustar os seus processos de produção e exploração de recursos minerais, por força de ações judiciais e condicionantes.
3. **Campanhas educativas.** Algumas campanhas educativas estão em curso na BTS, para proteção de sua biota. Ressaltem-se os trabalhos para proteção do boto da BTS (*Sotalia guianensis*), contra pesca proibida com bombas, proteção às áreas manguezal e replantio de árvores de mangues.
4. **Valorização da UC's.** Incipientemente, mas existem campanhas para elaboração dos planos de manejo, com participação efetiva das comunidades e a criação de novas UC's, com destaque para novas RESEX's.
5. **Ampliação das condicionantes em processos de licenciamento.** Exige-se o respeito às condicionantes e ampliação destas.
6. **Envolvimento de novos atores.** Importante para que possamos ser plural no processo de conservação da área.
7. **Atração de eventos científicos.** Diversos eventos científicos foram realizados em pequenos municípios, ou em parceria com esses, visando alertar para questões específicas, a exemplo da educação ambiental, manguezal e mamíferos aquáticos. Diversas propostas foram elaboradas e divulgadas entre os segmentos interessados.
8. **Valorização de ações concretas.** Um exemplo marcante foi o tombamento do município de Maragogipe na condição de *Capital Nacional da Educação Ambiental em Áreas de Manguezal*, em reconhecimento a todos os trabalhos que já foram realizados por lá, para conservação das áreas de manguezal.
9. **Propostas para o futuro.** Existem diversas propostas, já encaminhadas oficialmente, para que a BTS siga um outro caminho, que não seja a de sua degradação. O **Centro de Difusão dos Saberes do Manguezal** e o tombamento do **Centro Histórico da Caça às Baleias no Brasil**, em Itaparica, são alguns exemplos concretos de valorização das populações tradicionais e da história da BTS.
10. **Interrupção da expansão do cultivo de camarão.** Têm-se a clareza e certeza que a carcinicultura não é um modelo para geração de emprego e renda na BTS (Nem em nenhum lugar do mundo). Os impactos são grandiosos e prejudicam, além da biota, as tradições das pescarias locais.

Sendo assim, é importante destacar que o futuro da BTS já foi escolhido por que tem amor por ela – **A CONSERVAÇÃO**. O resto é agressão.

A UFBA, assumida como o palco para uma discussão sobre a BTS é legítimo. O que não podemos é jogar toda história de luta pela BTS, na vala comum da incompetência ou do esquecimento. Nessa proposta do **PARQUE AQUÍCOLA MARINHO PARA BTS**, como foco, temos um exemplo emblemático a ilustrar.

A década de setenta, século XX, final dos anos sessenta e início dos anos setenta, o Brasil, ainda, estava dominado pelo regime militar. Dentre alguns pacotes tecnológicos que recebeu do governo Inglês, estava um projeto para criação de ostras. O objetivo era gerar emprego e renda para os pescadores e práticas alternativas de produção.

Mandaram técnicos. Os técnicos daqui foram para lá. Contrataram pescadores – 02 ou 03. Equipamentos foram doados. Laboratórios foram montados e, até um navio foi doado. Uma boa estrutura.

Diversas tentativas foram testadas, nenhum delas com sucesso. Até que, no final dos anos setenta, o projeto foi deslocado para região de Valença. Acabou. Nem a *Crassostrea gigas*, espécie exótica, que tentaram introduzir nos manguezais baianos, sobreviveu.

Alguns técnicos, remanescentes do Projeto Ostreicultura, migraram para Carcinicultura e contribuíram para destruição do manguezal de Salinas e de Acupe – Oroabo. Não quero ser anacrônico.

Agora, de novo, surge a mesma proposta para criação de espécies exóticas. Isso é a própria UFBA desrespeitando a sua história e seus trabalhos publicados. A questão não é tecnologia, a questão é ambiental!

Atualmente, está na UFBA o maior foco de destruição da BTS. Talvez seja esse o futuro que queiram consagrar. O Instituto de Biologia, da UFBA, tem sido o maior “estudioso” em EIA-RIMAS, na BTS, liberando diversos empreendimentos de alto impacto sobre esse ambiente.

Atuou, em, pelo menos, três projetos (Tem mais):

1 – Porto da Ford em Aratu.

2 – Dragagem de canais na BTS e

3 – Projeto para criação de bijupirás, na ilha do Medo.

Ora, se é Instituto de Biologia da UFBA, usa o brasão da UFBA, professores e alunos da UFBA e a Coordenadora dos “estudos” é do CONSUNI – Conselho Universitário, logo é a UFBA!

Então, como discutir o futuro da BTS na UFBA, se o futuro já foi desenhado pela própria UFBA? A continuidade dos tensores geradores de impactos sobre o meio sócio ambiental.

É a semana do meio ambiente. Caminhadas, seminários, encontros debates, mudanças estruturais, só não mudamos uma coisa – o respeito pela vida!

Tudo que envolve a BTS, para o seu futuro, principalmente, com aval do Governo, é lastimável.

Alguns exemplos recentes:

1 – ETE do Baiacu – Proponente EMBASA – Governo da Bahia.

2 – PAC da pesca, com bijupirás e outros – Proponente: BAHIA PESCA S/A. Governo do estado da Bahia.

Assim, fica difícil!

Os baianos que sabem do valor da BTS, caminham para um lado. Empresários e Brasília, que sequer, sabem o que é a BTS, tentam mudar o enredo da história e tome-lhe bagunça e confusão! *Vade retro!*

Depois, somos nós os culpados. Não respeitam os próprios exemplos locais, as pesquisas e estudos sérios. Visam, apenas suas contas bancárias e seus umbigos. Pescador é algo preguiçoso, pensam, divulgam e acreditam. Temos a fórmula mágica. Serão milhares de empregos, mas o lucro é deles!

Uma baía de mata Atlântica, recifes coralíneos, manguezal, praias, restingas, uma alta biodiversidade, merece um outro enfoque. A baía de Cayme, musical, do samba-de-roda, do Cantarolama, Gal, Caetano e Gil, Roberto Mendes, não quer projetos milagrosos e suspeitos. Nós, da baía, da cidade da Baía, queremos o direito de *ir e vir para ilha de Maré, minha Senhora*. Mandar os malditos embora do Subaé. Chega.

Queremos a nossa baía limpa, como tantas vezes limpamos e pedimos para que você, que anda de ferry-boat, não a sujasse. Queremos a baía limpa, inclusive livre de suas gaiolas de milhares de dólares, engordando peixes para gringo comer.

Queremos tainhas, ariacós, carapicus, carapebas, caranguejo uca, ostra, sacaraúna, preguari, taioba, sururu, agulhinha, siri-bóia, caxangá, chumbinho, lambreta, savagem, e peixe-galo. Queremos sim, o nosso *bijupirá*. Queremos o nosso solitário *bijupirá*, não o seu! *Vade retro!* De novo.

Discutir a BTS sob a ótica do BAHIA AZUL, é um outro equívoco. Um projeto falido, ultrapassado e gerador de impactos significativos. Principalmente, em relação à contaminação de metais pesados.

Discutir o futuro da BTS é discuti-la sob a expectativa e perspectiva de retorno da vida, em sua mais alta expressividade. A vida das baleias jubartes.

Discutir a BTS como a grande fornecedora de alimento para seu povo, que, felizmente, não evoluiu para consumir o ferro dos navios, nem as fumaças das chaminés. Uma baía maternidade, berçário e supermercado da vida marinha.

Portanto, se existir um futuro para BTS que seja um futuro de paz, inclusive sem as bombas no seu mar.

**Prof. Dr. Everaldo Lima de Queiroz**  
**Lab de Nectologia UFBA**